

**Vivendo nas margens e ilhas, para além das margens e ilhas: Quilombolas e Vazanteiros do Médio São Francisco, suas mobilidades e conexões nas lutas, sentidos, terras e águas crescentes<sup>1</sup>**

**MARIA CECÍLIA CORDEIRO PIRES<sup>2</sup>**  
PPGDS-UNIMONTES/MINAS GERAIS-BRASIL

**ANDRÉA MARIA NARCISO ROCHA DE PAULA<sup>3</sup>**  
UNIMONTES/MINAS GERAIS-BRASIL

**Palavras-chave:** Mobilidades; Sistemas; Povos Quilombolas e Vazanteiros.

**Resumo:** Vazanteiro é uma categoria étnica acionada por designar um modo de vida de sujeitos que construíram sua existência no movimentar das pessoas, lutas, águas, terras e sentidos. Aqui tratamos de comunidades do Médio São Francisco, sendo elas o Quilombo de Praia, Quilombo da Lapinha e Comunidade Vazanteira de Pau Preto, localizadas na margem direita do rio São Francisco, no município de Matias Cardoso-MG e Comunidade Vazanteira de Ilha de Pau de Légua, à margem esquerda do rio, no município de Manga-MG. As margens e ilhas são lugares de viver e trabalhar, da pesca artesanal, extrativismo, criação de animais e a cultura da vazante, lameiro e terra firme. As plantações seguem os tempos da chuva, da seca e os tempos do rio, das cheias que influenciam nos lugares de viver e circular, e da vazão, quando o rio baixa e oferece uma área úmida que se torna propícia para plantar, assim se entendem como “*povos das águas e das terras crescentes*”. Seu Natalino (vazanteiro da Comunidade Ilha de Pau de Légua, Manga, outubro de 2022) explica: “*eu planto na época da chuva, aí o sol vem e mata, cá embaixo eu planto, o rio vem e mata, a vazante e o lameiro, o rio vem e mata. Então nós somos felizes, porque aqui no lameiro eu plantei e morreu? A vazante morreu? Terra firme ficou*”. Outra categoria que acionam é a de *encurralamento* que representa o contexto de conflitos socioambientais, estando situadas em área de incidência de unidades de conservação, do perímetro de irrigação do Projeto de Fruticultura Irrigada Jaíba e terrenos marginais da União no entorno e sobrepostos aos seus territórios. Esse trabalho traz discussões parciais de tese de doutorado em andamento, onde temos por objetivo compreender as dinâmicas e os sentidos dos movimentos migratórios junto aos Vazanteiros e Quilombolas do Médio São Francisco, através de uma etnografia multissituada. Por meio da pesquisa, compreendemos que estão em movimento, se articulam e conectam de formas complexas, como a articulação “Vazanteiros em Movimento”, movimento social e político onde diferentes comunidades vazanteiras se organizam, a fim de reivindicar seus direitos e retomadas de território. Ao longo dos anos perderam áreas coletivas, de lagoas, de mata, de vivências, devido a grilagens e outras formas de encurralamento e assim, as mobilidades para trabalho se tornaram intensas. As migrações destinam plantações e

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

<sup>2</sup> Estudante de Doutorado e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social da Universidade Estadual de Montes Claros. Bacharel em Ciências Sociais. Pesquisadora no OPARÁ-MUTUM e NIISA. Bolsista CAPES.

<sup>3</sup> Professora do curso de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social da Universidade Estadual de Montes Claros. Professora colaboradora no Programa de Pós-Graduação associado UFMG/UNIMONTES em Sociedade, Ambiente e Território. Líder do OPARÁ-MUTUM e do NIISA. Doutora (2009) e Mestre (2003) em Geografia pelo PPGE-IG-UFU. Bacharel em Ciências Sociais.

colheitas de café no Triângulo Mineiro, e idas para Belo Horizonte e São Paulo, onde os homens saem majoritariamente para a construção civil e empresas agrícolas, já as mulheres para trabalhos domésticos, de cuidados. Movimentam em coletividade, os que migram, mas também os que ficam, se articulando em busca da regularização fundiária, da soberania das comunidades, do respeito ao modo de vida tradicional.

## **Introdução**

O Norte de Minas segundo a regionalização de 1990 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), é uma mesorregião que compreende 89 municípios distribuídos em sete Microrregiões: Bocaiúva, Montes Claros, Janaúba, Janaúria, Salinas, Grão Mogol e Pirapora. Essa é uma definição sub-regional e datada, mas regressando a sua trajetória histórica, é possível compreender os modos de vida e relações das comunidades que aqui se localizam, uma diversidade de identidades que se expressam tanto ambientalmente, como culturalmente.

A constituição do Norte de Minas foi baseada nas grandes fazendas de gado, dos currais de boi, que revela a relação com o Nordeste brasileiro, já que as fazendas “seguiram as margens do Rio São Francisco e alcançaram o Norte de Minas, trazendo a pecuária extensiva e a marcha dos latifúndios que se tornaram características da ocupação e estruturação regional (Paula, 2009, p.65).

Na condição dos períodos de avanço de bandeiras ao Vale do São Francisco, houve uma fixação na parte média e que deu partida ao povoamento dessa área. Nesse período, o lado direito do Rio São Francisco ficou subordinado a Capitania da Bahia, enquanto o lado esquerdo a Capitania de Pernambuco. “A chegada da bandeira anônima paulista capitaneada por Mathias Cardoso de Almeida constitui-se, pois, como o evento fundante da sociedade pastoril situada no atual Norte de Minas” (Costa, 2005, p.15). Os bandeirantes fundadores que vieram para essa localidade, eram parte da bandeira de Mathias Cardoso, inicialmente situados nas margens do Rio Verde Grande, próximo a sua foz com o Rio São Francisco. Seus membros intencionavam aprejar os indígenas para vendê-los como escravos e exterminar quilombos. Depois do estabelecimento no Rio Verde Grande, chegaram e se fixaram nas margens do Rio São Francisco, onde ainda hoje existe o Arraial do Meio, no município de Matias Cardoso, depois fundaram o Arraial de Morrinhos, onde hoje se localiza a cidade Matias Cardoso, nome do bandeirante fundador.

O processo de formação histórica da região do Norte de Minas vai refletir no contexto atual, nos modos de vida e desafios encontrados nas comunidades rurais locais. Costa (2005) afirma que no imbricamento dos processos civilizatórios ao longo da

trajetória histórica regional, as características de cada agrupamento humano que aqui se fixou, os indígenas; negros; paulistas; nordestinos, “contribuíram para dar à essa sociedade e à sua cultura a sua singularidade que a faz única no conjunto das sociedades que compõem a humanidade” (Costa, 2005, p.28). Para o autor, a pluralidade faz do lugar a síntese da nação brasileira, assim temos os Povos e Comunidades Tradicionais que através de suas culturas, identidades específicas e contrastivas, compõem o mosaico identitário regional.

Apoiado na relação de distintos povos, o Norte de Minas se formou. A partir dos estudos etnográficos realizados na região<sup>4</sup> e a mobilização de povos tradicionais, atualmente temos com base no critério da autoatribuição, o acionamento de diferentes identidades: Vazanteiros; Veredeiros; Apanhadores de Flores; Vacarianos; Caatingueiros; Quilombolas; Indígenas e Geraizeiros<sup>5</sup>, identidades que também podem ser múltiplas, como é o caso de algumas comunidades Vazanteiras que se reconhecem juntamente enquanto Quilombolas e Pesqueiras.

Esse trabalho traz discussões parciais de tese de doutorado em andamento, onde estamos realizando uma etnografia multissituada, tendo como principal objetivo compreender as dinâmicas e os sentidos das mobilidades junto aos Vazanteiros da região do Médio São Francisco, que em alguns casos acionam também a identidade Quilombola.

### **O Sistema Vazanteiro: vivendo nas margens e ilhas**

Vazanteiro é uma categoria étnica acionada por designar um modo de vida de sujeitos que construíram sua existência no movimentar das pessoas, lutas, águas, terras e sentidos. Aqui tratamos de comunidades do Médio São Francisco, sendo elas o Quilombo de Praia, Quilombo da Lapinha e Comunidade Vazanteira de Pau Preto, localizadas na margem direita do rio São Francisco, no município de Matias Cardoso-MG e Comunidade Vazanteira de Ilha de Pau de Légua, à margem esquerda do rio, no município de Manga-MG.

Essas comunidades, assim como outras, dentro do contexto das múltiplas identidades acionadas, ao longo dos anos mantiveram relações e estratégias de defesa, o

---

<sup>4</sup> Dayrell (1998), Costa (1999), Oliveira (2005), D’Angelis Filho (2005), Brito (2006), Costa Filho (2009), Araújo (2009) e Nogueira (2009).

<sup>5</sup> Esses oito povos, atualmente, se organizam politicamente e são representados pela Articulação Rosalino Gomes de Povos e Comunidades Tradicionais, formada por volta de 2011, onde passaram a construir estratégias conjuntas de luta pelo reconhecimento social e cultural, direcionadas principalmente aos direitos e cuidado com os territórios onde vivem. Disponível em: <https://museuvivodospovosmg.com.br/sobre-o-museu-vivo/>. Acesso em: 10 de maio de 2014.

que fez Costa (1999) afirmar sobre a existência de um grande território negro na região Norte de Minas, o campo negro do Jahyba<sup>6</sup>. Em sua dissertação sobre Brejo dos Crioulos, quilombo situado nos municípios de São João da Ponte; Varzelândia e Verdelândia, realizou um trabalho percursor na visibilização das comunidades negras rurais Norte Mineiras. Indicou que houve a formação de uma complexa rede social, formada por negros aquilombados e a sociedade envolvente. Construído lentamente, se tornou palco de lutas e solidariedade entre os diversos personagens que vivenciaram os mundos da escravidão (Costa, 1999, p.12).

Esse campo negro no Norte de Minas, foi constituído por um conjunto de grupos negros localizados em margens de lagoas, ribeirões e rios que formam a bacia do Rio Verde Grande. “Suas relações, além de percorrerem todo o vale deste rio, eram estabelecidas com povoações ao longo da bacia do Rio São Francisco, notadamente, Brejo do Amparo, Morrinhos e Malhada, e nos altiplanos com Contendas, São José do Gurutuba, Porteirinha e Tremendal” (Costa, 2005, p.33).

A “Mata da Jaíba”, indicava no período colonial um lugar de difícil acesso, e a grafia de “Jahyba” com y, de origem tupi-guarani, significava água/rio ruim, sujo. É utilizada pelo antropólogo, para destacar o caráter insalubre da região na época, que fazia ser favorável a infestação de insetos causadores de doenças como a Malária, inviabilizando o seu povoamento, entretanto, foi apropriada para a ocupação por negros que se aquilombaram em seu interior. Na memória dos interlocutores de Costa (1999), os negros eram resistentes a Malária, ao contrário dos brancos. Foi um tempo caracterizado como de muita liberdade no território, em Brejo dos Crioulos foi recordado como “tempo da fartura” (Costa, 1999), para os Gurutubanos, outro importante grupo do Jahyba, foi denominado por Costa Filho (2009) de “tempo das soltas ou carrancismo”. Inclusive, Costa (1999) afirma que a memória dos seus interlocutores, indicaram o vínculo de diversas localidades a outras comunidades negras desde o século XIX. “As localidades aí existentes não constituíam um mundo social fechado e intransponível, abriam-se para relações umas com as outras mas também com populações situadas nos Gerais e encostas da Serra geral” (Costa, 1999, p 19). O antropólogo afirma que o resgate das trajetórias históricas de cada comunidade, iria propiciar a revelação da extensão do campo negro do Jahyba. Assim, dentro desses grupos, temos o reconhecimento dos Gurutubanos, estudados por Costa Filho (2009), um dos maiores e mais antigos quilombos, localizado

---

<sup>6</sup> Jahyba com Y, foi utilizada por Costa (1999), com base na sua tradução do tupi-guarani para diferenciar e representar as águas insalubres daquela época, propícias à malária.

entre os municípios de Catuti, Gameleiras, Jaíba, Janaúba, Monte Azul, Pai Pedro e Porteirinha, que segundo seu levantamento da memória e genealogia dos troncos familiares, a região que integra o referido campo negro, recua até meados do século XVIII.

Nos tempos da “fartura” e das “soltas”, haviam relações de reciprocidade e de solidariedade entre os grupos negros da Mata da Jayhba, como os Gurutubanos e Brejo dos Crioulos, eles compunham uma complexa rede social que os articulavam em torno de suas lutas sociais. No entanto, os tempos da liberdade foram tomados pelos “tempos dos fazendeiros” (Costa,1999), do “cercamento”, da “grilagem” e do “afazendamento” (Costa Filho, 2009). Os pesquisadores apontam que o refúgio que tinham, foi findado graças ao acesso da sociedade branca, por volta das décadas de 1930 e 1940, devido a construção da Estrada de Ferro Central do Brasil e também do combate as arboviroses pelo Governo Federal, provocando rupturas nos modos de vida e expropriações.

Compreendendo a existência e o histórico desse grande, interligado e complexo Campo Negro do Jahyba, pudemos assimilar o que esse território representou para os Vazanteiros do Médio São Francisco. Dentre os estudos desses grupos na região, tivemos como um dos primeiros trabalhos, as pesquisas de Oliveira (2005), Araújo (2009) e Anaya (2012). Oliveira (2005) já apontava a presença de normas e condutas sociais dos Vazanteiros em relação à incorporação de pessoas “de fora” ao grupo, existia um “sistema de direitos combinados”, de relações abertas ao chegante. A abertura aos chegantes é uma das características primordiais dos Vazanteiros e segue os fluxos do Rio São Francisco.

Nesta pesquisa, que tem como foco os povos Vazanteiros, é preciso ressaltar o processo de formação dessas comunidades, que se relaciona com a vivência entre a “estrada líquida”<sup>7</sup> (Rio São Francisco) e as estradas de terra. Vimos que o povoamento do Norte de Minas ocorre através da movimentação de pessoas, que se relacionam juntamente com a perpetuação de desigualdades, concentração fundiária e um modelo econômico excludente. “Podemos afirmar que o Rio São Francisco funcionou como uma via migrante, levando esperança de vida” (Paula, 2009, p.109).

Essa esperança era ansiada devido as dificuldades que encontravam, dos períodos de secas, mas também das políticas que não oportunizavam uma convivência possível dentro dessa realidade. “As migrações ocorriam através do rio e da chamada “estrada baiana” que fazia a comunicação por terra entre Bahia, Pernambuco e Minas Gerais [...]

---

<sup>7</sup> Categoria utilizada por Paula (2009).

A fuga da seca, da falta de terras e trabalho em sua própria região foram determinantes para as migrações pelo rio” (Paula, 2009, p.110).

A maioria, camponeses e camponesas que não tinha propriedade de terras, encaravam uma travessia incerta e em barcos a vapor percorriam por longos dias a estrada líquida do Rio São Francisco, buscando o mínimo para manterem suas existências. Muitos ansiavam ainda seguir para São Paulo em transporte ferroviário, mas devido à longa duração da viagem, privação financeira e condições da travessia, ocorreram modificações desses planos, fazendo com que fixassem morada em cidades ribeirinhas do Norte de Minas. “A expressão “baianos cansados” ficou conhecida na região para designar de forma irônica os homens e mulheres oriundos principalmente da Bahia que tinham como destino São Paulo, mas que ficaram em terras mineiras” (Paula, 2009, p.110).

Esse histórico foi evidente e evidenciado na pesquisa de campo, onde aparece a chegada de nordestinos de diferentes estados, que vindos pelo Rio São Francisco e aceitando o sistema do lugar (Woortmann, 1990a) tonaram-se integrados como nativos. Histórias como dos irmãos Manoel e Luiza do Quilombo de Praia e Zé Alagoano de Pau Preto. Manoel tinha três anos de idade e Luiza seis anos, quando a família decidiu pegar um barco a vapor em Pernambuco, no ano de 1958, a caminho do Norte de Minas, no município de Matias Cardoso, segundo eles motivados pela “*falta de chuva e fome*” e pela notícia de um primo que foi anteriormente, dizendo que havia disponibilidade de terras para plantar. Já Seu Zé Alagoano é mineiro de nascença e o apelido foi uma herança do seu pai, ele sim era alagoano e veio para o Norte de Minas por volta de 1948, junto com a esposa que era baiana, já que lá estava muito difícil de manter a vida, ele veio “*correndo da fome*” e foi nas margens do Velho Chico em Minas, plantando na vazante que conseguiu “*o de comer*”. Seu Zé nunca conheceu Alagoas, mas filho de nordestinos, construiu sua identidade nesse lugar, reconhecendo a importância do Velho Chico que lhe possibilitou a vida.

“*Então foi assim, nós aqui fomos muito bem aceito sabe? Que é um povo muito trabalhador, nossa!*” (Luiza, vazanteira/quilombola, moradora do Quilombo de Praia, Matias Cardoso). Serem aceitos os tornaram então do lugar. Na conjuntura em que esses hoje adultos, vieram em sua maioria ainda crianças, viveram a maior parte da infância no Norte de Minas, cresceram e se casaram na maior parte com nativos. Mas essa aceitação também passa pelo modo de vida que era semelhante, visto que havia um *ethos* camponês e vazanteiro, pois os chegantes aceitos, eram sujeitos que já praticavam a agricultura de vazantes, eram pescadores e pequenos camponeses que desempenhavam uma agricultura

não patronal. Ou seja, já partilhavam de um sistema de crenças, valores, trabalho e cultura, muito próximo ao encontrado nas comunidades Norte Mineiras. Havia, dentro das diferenças que restavam, a necessidade do consentimento as regras estabelecidas, com base em critérios internos de pertencimento e exclusão. A mobilidade do território vazanteiro possibilitou a construção de um sistema de “direitos combinados”.

Aceitar o “chegante” consiste numa abertura para aqueles que aderem ao modo de vida e regras sociais vazanteiras, um sistema de direitos de uso consuetudinários, baseado na solidariedade e no trabalho. Dito isso, há uma lógica de apropriação desse território e seus ambientes, terra-firme, rio, lagoas, que é contrário ao da propriedade privada, a terra é percebida como terra para trabalho e coletiva, não para comercialização e individual, como visualizamos claramente nos diálogos com os interlocutores.

Dentro desse sistema vazanteiro, da relação com a terra para trabalho, temos outras especificidades, desses sujeitos vivendo nas margens e ilhas. Apresentando as comunidades Vazanteiras desta pesquisa, partimos do Rio São Francisco como símbolo do modo de vida e das relações de ribeirinhos, chamado por eles “*Velho Chico*”, “*Chico*”, “*Chicão*”. Além de ser um dos mais importantes cursos de água do Brasil e da América do Sul, que passa por cinco estados e 521 municípios, atravessando por Minas Gerais e Bahia<sup>8</sup>, representa para as populações locais algo mais, é um ente da família, que dá o alimento, mas também o tira, que possui seu próprio domínio, que tem seus encantados. Seu Benedito (vazanteiro/quilombola, morador do Quilombo de Praia, Matias Cardoso, julho de 2023) conta que quando chegava alguém diferente, próximo das lagoas do São Francisco a água “*começava a ferver*”, era o Compadre D`Água, ser encantado que cuida do rio e por isso, precisam pedir licença para utilizar, e que gosta quando ofertam pinga e fumo. É verdade que há algum tempo não foi mais visto, disseram que provavelmente foi “*buscar refúgio por conta do desmatamento*”.

Tratamos aqui de comunidades ribeirinhas, mas Seu Natalino (vazanteiro, morador da Comunidade Ilha de Pau de Légua, Manga, outubro de 2022) faz uma ressalva. “*Ribeirinho é quem tá na beira do rio, a cidade (Matias Cardoso) aqui é ribeirinha, tá na beira do rio. Agora, o vazanteiro é diferente, ele usufrui da terra da vazante, do lameiro e da terra-firme*”. Vazanteiro é uma demarcação identitária, embasada em uma questão política de reconhecimento.

---

<sup>8</sup>Informações disponíveis na biblioteca do IBGE. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=446973&view=detalhes>. Acesso em: 14 de junho de 2023.

Esse estudo sobre movimentos, mas também em movimento, move-se entre as comunidades de Praia, Pau Preto, Lapinha e Pau de Léguas, e assim entendemos que “o vazanteiro é diferente”, tem a sua produção alimentar que envolve além do extrativismo, criação de animais e a pesca, a cultura da vazante, do lameiro e da terra-firme. “A parte de lameiro é aquela que fica o barro que o rio deixa. Aí tem a vazante, que é uma parte de terra que o barro não vai, ela decanta antes de chegar lá [...] e aí temos a terra-firme lá no alto”. Seguem o ciclo do rio, da seca, da cheia e da vazante e por isso, Seu Natalino diz que são felizes: “eu planto na época da chuva, aí o sol vem e mata, cá embaixo eu planto, o rio vem e mata, a vazante e o lameiro, o rio vem e mata. Então nós somos felizes, porque aqui no lameiro eu plantei e morreu? A vazante morreu? Terra-firme ficou”.

Essa denominação, assim como outras, estão extremamente ligadas as condições ambientais que esses povos vivem e convivem. Aqueles que moram nas margens ou nas ilhas do Rio São Francisco, que praticam a pesca artesanal e a agricultura de vazante, se auto identificam:

*Nós somos tudo isso, uma pessoa só, pode viver do extrativismo, ele é pescador, ele é vazanteiro, é caatingueiro [...] Se eu sou vazanteiro, eu sou também quilombola, eu planto nas vazantes e me reconheço como os dois, porque eu sou remanescente quilombola, mas também sou pescador, também sou vazanteiro<sup>9</sup>. (Genival, 56 anos, vazanteiro/quilombola, morador do Quilombo de Praia, Matias Cardoso, 2019)*

Através dos relatos de vazanteiros na pesquisa de campo compreendemos que a categoria vazanteiro foi escolhida por agrupar todas essas outras e por ser uma maneira de se diferenciarem pela forma de apropriação do território. Essas comunidades se entendem como “povos das águas e das terras crescentes”, como falam na “Carta Manifesto das Mulheres e Homens Vazanteiros”, escrita no contexto do “Primeiro Encontro Interestadual de Homens e Mulheres Vazanteiros do São Francisco”, ocorrido na Ilha da Ingazeira, com comunidades da Bahia e de Minas Gerais, no ano de 2005 (Anaya, 2012, p.208).

Chamam-nos de Vazanteiros porque a nossa agricultura está associada aos ciclos de enchente, cheia, vazante e seca do rio São Francisco. Somos um povo que vive em suas ilhas e barrancas, manejando suas “terras crescentes”, tirando o sustento da pesca, da agricultura, do extrativismo e da criação de animais [...] Foi um aprendizado de mais de quatro séculos, de convivência com as terras altas, com os barrancos moldados pelos lameiros fertilizados e com as “terras crescentes”, com suas ilhas em permanente mobilidade. Pois é assim, uma ilha nunca é a mesma no ano seguinte. Assim como ela aqui se forma, ela também desaparece e ressurgue acolá, dependente que é da cheia. Se o rio toma uma terra aqui, ali ele a devolve, e ela cresce renovada, por isso “crescente” (Carta

---

<sup>9</sup> Trecho de entrevista de Genival, Quilombo de Praia, Matias Cardoso – MG, publicada em: Boletim Informativo: Conflitos Sociais e Desenvolvimento Sustentável no Brasil Central – Articulação Vazanteiros em Movimento (2019, p.3). Realização OPARÁ-MUTUM e NIISA.



Dentre as quatro comunidades dessa pesquisa, todas se identificam enquanto vazanteiras, e duas acionam também a identidade quilombola. Há um grande grau de parentesco entre as comunidades e o vínculo entre diferentes origens, como as dos nordestinos e de outras comunidades negras do Norte de Minas, integrantes do campo negro do Jahyba.

Essa diferenciação de identidades tem relação aos processos de mobilização política que cada comunidade empenhou. Mas é importante afirmar as características intrínsecas a elas, questões que se repetem, de comunidades tradicionais, negras e que realizam a agricultura de vazante e em terra-firme, e desenvolveram uma cosmovisão com maneiras de habitar o território. Um identidade fluida, que flui com o Rio São Francisco.

O movimentar é inerente ao modo de vida Vazanteiro, o Vazanteiro move sobre seu território, enquanto seu território também se movimenta, se modifica em cada estação. Oliveira (2005) fala sobre o “costume da andança” como característica Vazanteira, uma mobilidade com o rio e seus territórios, movimentos necessários para cada período, já que a própria agricultura segue um calendário fluído com o rio, se confluindo com ele. Esse território maior que inclui terra-firme, ilhas, rio, lagoas, vazantes é um território móvel, remodelado a cada cheia (Oliveira, 2005, p.17).

Seu Natalino (vazanteiro, morador da Comunidade Ilha de Pau de Légua, Manga, outubro de 2022) explica que o que os diferenciam enquanto Vazanteiros, tem relação com o rio e seus ambientes, os quais habitam. *“Temos aí três categorias na terra [...] são três linhas de terras”*: terra-firme, lameiro e vazante. A terra-firme são as terras no alto, onde realizam a agricultura de sequeiro, no solo firme, plantam roças de gênero alimentícios durante o período chuvoso, *“eu tô lá em cima, eu planto na época da chuva”*, onde além das plantações, existe a criação de animais de pequeno porte. Nessas áreas cultivam hortas, feijão, milho, abóbora e outras, disse Dona Luiza (vazanteira/quilombola, moradora do Quilombo de Praia, Matias Cardoso): *“hoje nós mexe com a hortinha ali embaixo, nos mexe com hortinha, e planta laranja, e planta feijão, e planta milho quando é época, mandioca, abóbora, todos esses produto alimentar”*. Eles *mexem*, mexer é uma categoria utilizada para demonstrar esse movimento interior realizado, indica o que fazem, pois ser Vazanteiro é estar sempre em movimento.

O lameiro é uma faixa de terra próxima ao rio, que fica com o barro deixado depois da enchente. Já a vazante “*é uma parte de terra que o barro não vai [...] então ela vai até aqui. Aqui ela tem uma corrida, aqui ela já começa a parar. Aí que nós temos uma vazante, ela vaza, não fica nada lá. Ela traz tudo, não deixa substância nenhuma. Essa daqui lameiro, fica uma vitamina boa que a água traz*” (Seu Natalino, vazanteiro, morador da Comunidade Ilha de Pau de Légua, Manga, outubro de 2022). Assim dizendo, existe a agricultura de sequeiro, no seco e a agricultura de vazante, nas águas, áreas de maior umidade.

Observando o sistema de trabalho Vazanteiro, compreendemos que além das perspectiva de “*tempo das chuvas/águas*” e “*tempo das secas*”, há uma simbiose com o ciclo natural do rio, que passa pela seca, enchente, cheia e vazante, quando começa a baixar e repetir o ciclo. Um “*círculo de movimentação*” como disse Seu Natalino:

*Um círculo de movimentação que eu faço. O que eu planto no lameiro, o lameiro produziu aí. No período chuvoso, eu tiro do lameiro, levo eu aquele banco de sementes. Tem o banco de semente natural. Eu planto aqui [terra firme], entendeu? Ela aqui não deixa a outra lá perder lá. Tá perecendo, mas eu tô levando aqui já novamente pra lá. Mas de onde que veio? A que estava aqui? Vem de lá pra cá, a gente fica fazendo um manejo, né? Um círculo daqui pra lá e de lá pra cá, direto o tempo todinho.* (Seu Natalino, vazanteiro, morador da Comunidade Ilha de Pau de Légua, Manga, outubro de 2022)

Vivem “*um círculo daqui pra lá e de lá pra cá*”, esse círculo possibilitou a esses sujeitos a disponibilidade de terras fertilizadas por matéria orgânica em diferentes tempos. Ou seja, vão circulando da terra-firme para o lameiro, do lameiro para a vazante e de volta para terra-firme e esse círculo perpassa também outros ambientes e funções, como lagoas, o extrativismo, a criação de pequenos animais e outros.

O São Francisco é o “*rio grande*”, os braços menores são os “*rios pequenos*”, existem as ilhas ao longo do rio, e as lagoas que se formam após as cheias. A agricultura de vazante acontece nas margens do rio e lagoas. A pesca é um importante elemento identitário. Cada Comunidade Vazanteira vai possuir especificidades de suas relações com esses ambientes, em algumas, como o Quilombo de Praia, realizam majoritariamente as plantações nas lagoas, assim como a pesca; outras ficaram confinadas nas ilhas, como Pau de Légua. Todavia, salientamos que essas relações foram sendo afetadas externamente, a partir das dinâmicas fundiárias impostas.

Há nessas comunidades um grande respeito para com o rio e toda natureza, longe de uma visão dicotômica, existe uma relação recíproca entre vazanteiros, rio, matas, encantados, afastados de uma separação abrupta entre cultura e natureza, humanos e não humanos.

*Todas essas naturezas nós temos que respeitar, tomar conhecimento e respeitar, obedecer, porque senão é ruim para nós.* (Seu Benedito, vazanteiro/quilombola, morador do Quilombo de Praia, Matias Cardoso, julho de 2023)

*A terra precisa do nosso carinho, do nosso cuidado. Se nós não tiver um cuidado especial com a terra, ela não produz mais nada para nós [...] O São Francisco é uma maravilha da gente! Isso é uma vida, uma mãe pra todo mundo! É o lugar que todo mundo deseja estar, na beira de um Rio São Francisco! É a água, você vai no rio, você pode estar estressado e parece que fica pacífico, é aquela coisa, que traz uma energia tão grande em você, que você pode tá cheio de problemas que acaba o estresse, acaba tudo.* (Gilberto, vazanteiro/quilombola, morador do Quilombo de Praia, Matias Cardoso)

Dentro desse modo de vida, existe o estabelecimentos de normas que vem das crenças e costumes. Por isso, Seu Benedito (vazanteiro/quilombola, morador do Quilombo de Praia, Matias Cardoso, julho de 2023) falava, que na natureza tudo tem seu domínio, que os encantados são os comandantes das águas e das matas. *“A natureza é igual o que nós temos aqui. Por exemplo, na terra, lá dentro da água, também tem os comandantes, os comandantes na água que é dono de tudo, nas matas também tem o caipora”*. Os encantados são os seres que ditam as regras que precisam seguir, nas águas tem o Compadre D`Água, também chamado de Caboclo, uma espécie de homem pequeno, descrito com uma diferenciação, um preto e mais tranquilo, por vezes brincalhão, já o vermelho, com grandes dentes, traiçoeiro e mais perigoso. Tem dias em que não se devem pescar, como durante a Semana Santa, celebração católica, a desobediência pode levar a ter o barco virado. É preciso pedir licença, principalmente para quem é de fora e agradar o Compadre com fumo e pinga.

Nas matas tem o Caipora, que vigia para que não ataquem as árvores, não derrubem espécies importantes. Seu Benedito conta que *“ele não é sistema de um homem, ele é o comandante, dono das matas. Então, tem sempre nas matas. O povo sempre fala que dia de quarta e sexta-feira não é dia de a gente estar no mato. Não é muito bom não!”*. Compreendemos que esses encantados, comandam os manejos desses Vazanteiros, para que a natureza não seja atingida negativamente. Luzia (50 anos, vazanteira/quilombola, moradora do Quilombo de Praia, Matias Cardoso) lembra que havia o *“encantamento da mata, tudo tinha encanto”*, e que os *“antigos tinham cheiro de mata, do campo, que as onças não atacavam”*, era uma relação muito íntima.

Mas assim como os Vazanteiros se movimentam, os seres encantados também. Os encantados acabam também migrando, devido ao avanço do capitalismo, do agronegócio, dos encurralamentos.

*O Caboclo D'Água meteu foi o pé, acho que nem ele não ficou aqui, ele não está satisfeito. Não está satisfeito com isso não, porque ele é um encanto, né? Então, do jeito que tá destruindo o Rio São Francisco, ele deu foi no pé também. Mas não sei, vai que não foi embora. Ele deve tá aí, ele é o protetor do rio. (Regina, vazanteira/quilombola, moradora do Quilombo de Praia, Matias Cardoso)*

A fuga dos encantos revela mudanças externas. Esse relacionamento, harmonioso com o rio e seus ambientes, foi invadido por novos tempos. Em Oliveira (2005) temos o tempo do “enxame de gente”, quando agregados foram expulsos das fazendas ou posseiros tiveram suas terras griladas e foram morar nas ilhas. Em Araújo (2009) denominado como “tempo dos coronéis”. Nas palavras dos nossos interlocutores, foi a chegada do tempo do “*poder das balas e das cercas*”.

### **Os Encurralamentos**

O sistema Vazanteiro sofreu interferências, os tempos mudaram, foram sendo encurralados, categoria nativa que representa o acercamento dos territórios por diferentes conflitos. Onde “*quem tinha poder de bala e coragem conseguia as terras*” (Gilberto, vazanteiro/quilombola, morador do Quilombo de Praia, Matias Cardoso), pois aqueles que possuíam o domínio da violência, possuíam também o acesso às terras na possibilidade de cercá-las.

O primeiro momento desse processo de encurralamento, se deu com a expropriação das terras tradicionalmente ocupadas por grandes fazendeiros, devido a grilagens de terras<sup>10</sup>; além de uma intensificação a partir de 1960, durante os incentivos a modernização do campo, que representou estímulos e financiamentos a grandes empreendimentos agropecuários, sobre o pretexto de desenvolvimento da região. Um grande exemplo foi a implementação do Projeto de Fruticultura Irrigada Jaíba, durante a Ditadura Militar. Maior projeto irrigado da América Latina, instalado entre os rios São Francisco e Verde Grande, nos municípios de Jaíba e Matias Cardoso. Que devido sua grande magnitude, influenciou nas dinâmicas locais, tanto ambientais, como sociais.

Agravando ainda mais a situação, ao final dos anos 1990 e início dos anos 2000, para viabilizar a sua ampliação, foi exigida uma contrapartida ambiental através da criação de Unidades de Proteção Integral (UPI). Assim houve uma sobreposição aos territórios tradicionais Vazanteiros. Hoje visualizamos no entorno e sobrepostos aos seus

---

<sup>10</sup> Grilagem é um termo para indicar a falsificação de documentos para conseguir a posse de terras. A história conta que sujeitos deixavam documentos falsificados em gavetas fechadas com grilos, para que os papéis ficassem com aspecto envelhecido.

territórios, grandes fazendas de gado, o perímetro de irrigação do Projeto Jaíba, terrenos marginais da União e Unidades de Conservação, como o Parque Estadual Verde Grande (1998); Parque Estadual Lagoa do Cajueiro (1998) e Parque Estadual da Mata Seca (2000)<sup>11</sup>.

Os processos de conflitos se tornaram diversos e densos, desde expropriações territoriais, explorações do trabalho, a fiscalizações injustas por órgãos ambientais, que perpetuam racismos. Foram decorrentes do aval e das ações de instituições públicas, como a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) e seus incentivos para a modernização do campo; e a Fundação Rural Mineira - Colonização e Desenvolvimento Agrário (Ruralminas) e o processo de regularização fundiária, que dentre as ações fez a concessão de terras consideradas devolutas, mas que eram espaços de uso comum ou solta de animais, para grandes empresas rurais. Nesse sentido, essas instituições tiveram papel de braços institucionais, em âmbito federal e estadual, provocando a “concentração e a grilagem de terra nas mãos de grandes latifundiários da região, responsáveis diretos pela degradação ambiental das matas e rios, em consequência aos grandes projetos implementados” (Anaya, 2012, p.79).

Essa realidade demonstra o modelo vigente, onde temos o comando e incentivo de agências multilaterais ou comunidades epistêmicas, como caracterizado por Gellert e Lynch (2003), que são forças poderosas de acumulação do capital, interesses estatais e ideologia modernizadora, apoiando a proliferação de megaprojetos. O fator econômico é de fato o central, homogeneizando tudo. Implementam um projeto de grandes proporções, que possui uma visão de natureza enquanto mercadoria, as mitigações aparentam sempre ter uma contrapartida monetária. Modificaram um modo de vida como o Vazanteiro, que tem uma simbiose com o Rio São Francisco, impedindo a reprodução plena da vida. E até mesmo, a criação de Unidades de Conservação, realizadas de forma hegemônica, acabaram por preservar, não o meio ambiente, mas a ampliação do megaempreendimento, impondo uma ideia de vazio demográfico, em áreas que só eram preservadas justamente porque existia a vida e o manejo das comunidades tradicionais que ali já estavam.

Ficando confinados a pequenas porções de terras, esses Vazanteiros convivem com excessivas tensões sobre seus territórios. As famílias foram crescendo e tiveram que buscar novas maneiras para resistir, articulando como no movimento social e político

---

<sup>11</sup> O Parque Estadual Verde Grande; Parque Estadual Lagoa do Cajueiro ficam localizados em Matias Cardoso, afetando os territórios de Praia, Pau Preto e Lapinha respectivamente. O Parque Estadual da Mata Seca fica no município de Manga, afetando o território da Comunidade Ilha de Pau de Légua.

chamado de “Vazanteiros em Movimento”, realizando retomadas do território ancestral e em muitos casos, através das migrações para o trabalho. Nesse contexto, constituíram diferentes formas criativas de resistência.

### **Vazanteiros em Movimento: para além das margens e ilhas**

As dinâmicas que invadiram o modo de vida tradicional vazanteiro, fizeram com que esses sujeitos precisassem ir para além das margens e ilhas. Diferentes comunidades se uniram para reivindicar suas identidades e demonstrar o quanto suas práticas contribuíam para a sustentabilidade ambiental. Dentro dessa união e luta política, temos a Articulação Vazanteiros em Movimento, que é um movimento social e político de articulação de comunidades Vazanteiras, buscando o reconhecimento identitário, cultural e empenho das lutas territoriais. As estratégias são diversas, como protestos; intercâmbios entre comunidades; deslocamentos para debates políticos; denúncias de abuso de poder, da mortalidade de peixes, assoreamento das lagoas (entre diversos problemas ambientais resultantes dos conflitos impostos) e retomadas de territórios<sup>12</sup>, já que há uma grande morosidade na justiça quanto as titulações das terras tradicionalmente ocupadas.

Anaya (2012) realizou um estudo específico sobre as mobilizações e reivindicações territoriais dos vazanteiros, que no primeiro momento se identificavam enquanto “encurralados pelos parques” e posteriormente se apresentaram à sociedade como “Vazanteiros em Movimento”. Esse processo não indica que deixaram de serem encurralados, mas remete ao desenvolvimento de uma luta em que os grupos redefiniram maneiras de agir, de reivindicar e de se relacionar com o Estado.

Praticando o jogo que se joga no campo ambiental. Ou seja, registra-se um primeiro tempo em que os sujeitos se dão conta da condição de atingidos, denunciando o encurralamento e outro momento de ação coletiva em que, acionando mecanismos próprios ao léxico e às formas de agir, correntes no campo ambiental, na interlocução com o Estado frente aos espaços instituídos pelo marco regulatório ambiental, começam a se identificar como “Vazanteiros em Movimento”. (Anaya, 2012, p.21-22)

Dentre as mobilidades para fora, também é muito presente nas comunidades as migrações internas para trabalhos. Os sujeitos se tornam migrantes como resultado do

---

<sup>12</sup> Como exemplo podemos citar: em 2011, a comunidade de Pau Preto fez a retomada de seu território com a ocupação da Fazenda Catelda. Em 2015, o Quilombo de Praia retoma parte da Fazenda Vila Bella, que tinha sido arrendada pelos Diários Associados de Minas Gerais a um fazendeiro, hoje chamam a localidade de Acampamento Mãe Romana. Em 2023, o Quilombo da Lapinha faz a segunda retomada de parte de suas terras, localizadas na fazenda Casa Grande, espaço que estava sob o domínio do Instituto Estadual de Florestas (IEF).

encurralamento dos territórios, pois “quando você fica encurralado, não tem espaço para o jovem, você não tem como segurar seus filhos dentro da comunidade” (Zé Alagoano, Vazanteiro de Pau Preto). O fato de alguns migrarem influencia para que seja possível a permanência de outros, que ficaria inviável pelo tamanho do território disponível.

*E o caso do pessoal sair daqui e nós fomos migrando, foi porque as áreas das fazendas grandes foram crescendo, e cada pai aqui, a maioria tinha dez, doze, quinze filhos, outros vinte filhos. Então foi aumentando [a população] e nós ficamos com uma área muito pequena, muito restrita. E os filhos não tinham uma expectativa de crescer aqui. Os homens quando começavam a trabalhar iam para a cidade grande. (Gilberto, vazanteiro/quilombola, morador do Quilombo de Praia, Matias Cardoso)*

As migrações destinam principalmente plantações e colheitas de café no Triângulo Mineiro, e idas para Belo Horizonte e São Paulo, onde os homens saem majoritariamente para a construção civil e empresas agrícolas, já as mulheres para trabalhos domésticos, de cuidados. “Quem tem um estudo mais elevado, consegue um emprego melhor, por que nem quem tá lá estudando consegue, mas sempre para o homem é ajudante de pedreiro e para a mulher é faxineira, são esses tipos de emprego” (Regina, vazanteira/quilombola, moradora do Quilombo de Praia, Matias Cardoso). Já são muitas gerações nessas condições, como afirma Gilberto:

*Hoje não tem terra pra todo mundo habitar aqui! Nós temos famílias em São Paulo, Belo Horizonte, tem em todo lugar tem gente daqui. Tem mais ou menos sessenta, setenta pessoas daqui que está fora, e tudo tem família lá, tem casa lá também, tá tudo alicerçado, mas, a vontade deles é tá aqui, mas realmente não dá, porque se eles forem viver aqui, eles passa necessidade. (Gilberto, vazanteiro/quilombola, morador do Quilombo de Praia, Matias Cardoso)*

As ligações entre as comunidades e os lugares de destinos são complexas, formam redes, são circuitos onde circulam pessoas, coisas, comidas, sentidos. Estamos buscando entender o que os sujeitos pensam sobre esses movimentos, que aparecem de forma fluida, sendo *famílias espalhadas* por muitos territórios, conectadas por tensos vínculos, onde existe uma administração coletiva de vários espaços (Comerford, 2014a e 2014b).

Migrar não é necessariamente uma ruptura com a situação anterior, pode ser uma estratégia familiar de continuidade, constitutiva da própria existência da família camponesa. Essa é a posição defendida por Woortmann (1990b), que com base em trabalhos de campo realizados em Sergipe, analisa o significado da migração para o campesinato, enfatizando seu papel como prática de reprodução social e sua relação com a hierarquia familiar, pois para ele, camponeses são produtores de alimentos e também de migrantes. “A migração de camponeses não é apenas consequência da inviabilização de

suas condições de existência, mas é parte integrante de suas próprias práticas de reprodução. Migrar de fato, pode ser condição de permanência camponesa” (Woortmann, 1990b, p.35).

Convivendo nas comunidades, se tornou recorrente ouvir sobre as comidas que estavam sendo preparadas para enviar para os parentes que estão fora, pessoas circulando para apoiar familiares em momentos de doença, um de lá para cá constante. Dentre essas histórias, conhecemos no Quilombo de Praia o casal Sulino e Rita, que moraram entre idas e vindas, muitos anos em Patrocínio - MG, onde trabalhavam em uma agroindústria de café, retornaram para a comunidade em 2022. Dona Rita conta que primeiro foi Sulino, que não conseguiu se adaptar e queria voltar, ela então foi a Patrocínio sem avisar, para convencê-lo e assim se estabeleceram por anos. Atualmente, em sociedade com o genro, passou a comercializar café em Matias Cardoso e região, produzido em Patrocínio e enviado por ônibus até chegar no município. De trabalhadores da lavoura, retornam como comerciantes de café. Ou seja, existem os espaços em que as pessoas circulam, mas também a circulação de coisas, em forma de presentes, ajuda e até comércio, onde o café que antes era lidado na lavoura, se tornou fonte de renda com a comercialização no lugar de origem.

Pelas oportunidades, aqueles que permaneceram nas comunidades, se tornaram lideranças na luta por direitos, mesmo que a maioria já tenha migrado ao menos por um período. Os que ficam também se movimentam, movimentam-se na articulação de agências.

### **Considerações Finais**

Por meio da pesquisa, compreendemos que os Vazanteiros estão em movimento, se articulam e conectam de formas complexas. As mobilidades são parte do modo de vida Vazanteiro, do sistema tradicional. Sempre foi um movimento livre e respeitoso com o rio, que moldava os ambientes, que ofertava os alimentos em forma de peixes e terras fertilizadas. Mas essa liberdade foi interrompida, as formas de viver foram violadas, ao longo dos anos perderam áreas coletivas, de lagoas, de matas, de vivências, vendo os ambientes se deteriorarem, devido a grilagens de terras e outras formas de encurralamento.

Eles continuam em movimento, buscando a autonomia de outrora. Movimentam em coletividade, tanto os que precisaram migrar para outros lugares, como os que ficam, se articulando em busca da regularização fundiária, da soberania das comunidades, do



respeito ao modo de vida tradicional. Vivendo nas margens e ilhas e para além das margens e ilhas, os Quilombolas e Vazanteiros do Médio São Francisco, se mobilizam nas lutas, sentidos, terras e águas crescentes.

## Referências

ANAYA, Felisa Cançado. **De encurralados pelos parques a vazanteiros em movimento: as reivindicações territoriais das comunidades vazanteiras de Pau Preto, Pau de Légua e Quilombo da Lapinha no campo ambiental**. Tese Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas: 2012.

ANAYA, F. C.; OLIVEIRA, C. L.; THE, Ana. P. G.; DAYRELL, C. A.. COMUNIDADES TRADICIONAIS VAZANTEIRAS DO MÉDIO SAO FRANCISCO - MG. In: CUNHA, Manuela Carneiro da; MAGALHÃES, Sônia Barbosa; ADAMS, (Org.). **Povos tradicionais e biodiversidade no Brasil**: contribuições dos povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais para a biodiversidade, políticas e ameaças. 1ed. São Paulo: SBPC, 2022, v. 16, p. 127-164.

ARAÚJO, Elisa Cotta de. **Nas margens do São Francisco: sociodinâmicas ambientais, expropriação territorial e afirmação étnica do Quilombo da Lapinha e dos vazanteiros do Pau de Légua**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social), Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros-MG, 2009.

“Biblioteca do IBGE – Rio São Francisco”. **Disponível em:** <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=446973&view=detalhes>. **Acesso em:** 14 de junho de 2023.

BRITO, Isabel Cristina Barbosa de. **Comunidade, Território e Complexo Florestal Industrial: o caso de Vereda Funda**. Norte de Minas Gerais. (Dissertação de Mestrado, 157 fls.) Montes Claros: Universidade Estadual de Montes Claros – Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Social, 2006.

COMERFORD, John Cunha. Onde está a “comunidade”? Conversas, expectativas morais e mobilidade em configurações entre o “rural” e o “urbano”. In: **Ruris (Campinas)**, v. 8/2, p. 7-29, 2014a.

COMERFORD, John Cunha. Vigiando e Narrando: sobre formas de observação, narração e julgamentos de movimentações. In: **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, Vol. 57, No. 2, p. 107-142, 2014b.

COSTA FILHO, Aderval. **Os Gurutubanos**: territorialização, produção e sociabilidade em um quilombo do centro norte-mineiro. 293 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade de Brasília. Brasília, 2009.

COSTA, João Batista Almeida. **Do tempo da fartura dos crioulos ao tempo da penúria dos morenos: a identidade através de um rito em Brejo dos Crioulos**. 210 f, Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade de Brasília: Brasília. 1999.

COSTA, João Batista de Almeida. Cultura Natureza e populações Tradicionais: o Norte de Minas como síntese da nação brasileira. In: **Revista Verde Grande**. Montes Claros: Unimontes /SEMMA vol. 1, n.3, 2005. p. 8-47.

D'ANGELIS FILHO, João Silveira. **Políticas locais para o des-envolvimento local no Norte de Minas: uma análise das articulações local e supra local**. Dissertação (mestrado). Temuco, Chile: 2005.

DAYRELL, Carlos Alberto. **Geraizeiros e Biodiversidade no Norte de Minas: a contribuição da agroecologia e da etnoecologia nos estudos dos agroecossistemas tradicionais**. 1998. 192f. Dissertação (Maestria en Agroecología y Desarrollo Rural Sostenible) – Huelva: Universidade Internacional de Andalúcia, Sede Ibero Americana - La Rábida, 1998.

GELLERT, Paul K.; LYNCH, Barbara D.. Mega-projects as displacements. In: **International Social Science Journal**, 55(175), 15-25. 2003.

“Museu Vivo dos Povos Tradicionais de Minas Gerais”. **Disponível em:** <https://museuvivodospovosmg.com.br/sobre-o-museu-vivo/>. **Acesso em:** 10 de maio de 2014.

NOGUEIRA, Mônica Celeida Rabelo. **Gerais a dentro e a fora: identidade e territorialidade entre Geraizeiros do Norte de Minas Gerais**. Tese (Doutorado). Brasília – DF: UNB, 2009.

OLIVEIRA, Cláudia Luz de. **Vazanteiros do Rio São Francisco: um estudo sobre populações tradicionais e territorialidade no Norte de Minas Gerais**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerias, Departamento de Sociologia e Antropologia. 2005.

PAULA, A. M. N. R.; CRISÓSTOMO, Adinei Almeida; ANAYA, F.C. et al. **Boletim Informativo 'Articulação Vazanteiros em Movimento'** - Projeto de Pesquisa: Conflitos Sociais e Desenvolvimento Sustentável no Brasil Central. 2019. (Boletim Informativo).

PAULA, Andréa Maria Narciso Rocha de. **TRAVESSIAS - Movimentos migratórios em comunidades rurais no Sertão do Norte de Minas Gerais**. Tese (doutorado) Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG. 2009.

WOORTMANN, Klass. “Com Parente não se Neguecia. O Campesinato como Ordem Moral”. In: **Anuário Antropológico/87**, Brasília, Ed. UNB, 1990a.

WOORTMANN, Klass. Migração, família e campesinato. In: **Revista Brasileira de Estudos de População**. jan./jun. 1990b.